



Ministério

Adventista



Julho-Agosto de 1966

O Perigo de

Objetivos Mesquinhos

Os cabeçalhos dos jornais alardearam a história das baleias que davam caça a sardinhas, e, deslizando para águas rasas, traçaram seu próprio obitório. A notícia procedia de Tóquio, e o cenário era uma baía pouco profunda que forma reentrância na Ilha Kyushu, pertencente ao Arquipélago Japonês. Trezentos dêsses habitantes das profundezas ficaram tão absortos em perseguir sardinhas, que se viram presos junto às praias circundantes da baía, que se tornaram o local de sua matança. Os pequenos peixes atraíram para a morte os gigantes dos mares. Estes tiveram violenta extinção devido a correrem atrás de objetivos triviais e dissiparem enormes energias em busca de alvos insignificantes.

A lição desta parábola das baleias e das sardinhas é que poderosas criaturas pereceram porque a procura de pequenas coisas as conduziu a baixios fatais. Ali sêres minúsculos destruíram sêres colossais. A capacidade inventiva desta era esplendorosa e automatizada circundou a vida de muitas facilidades. O trágico perigo é sermos apanhados por essas ninharias, desviando-nos das profundezas que servem de orientação para o viver.

Se o inigualável Mestre que enunciou verdades imortais em narrativas simples, baseadas em acontecimentos correntes, andasse pelos caminhos modernos, acaso não Se faria ouvir, dizendo: “aprendei a parábola das baleias e das sardinhas”?

“Focus,” White Memorial Church

(Adaptado por Catarina Tilstra)





EDITORIAL

Uma Alma Solitária

ARTURO E. SCHMIDT

HÁ em nosso meio uma ovelha que não tem pastor. Anda só, e por via de regra tem de arcar sôzinha com seus próprios problemas e os dos outros. A ninguém pode confiar seus pesares e aflições, ou desabafar o coração. As vêzes teme falar com algum companheiro, receando não ser bem compreendida. Carrega o pêso dos outros e os conserva sigilosamente no coração, procurando encontrar uma solução para todos êles. No entanto, quem carrega os problemas do pastor? quem lhes dá solução? quem o orienta em suas dificuldades pessoais e familiares, e com quem conversa sôbre as inquietações de seu espírito? quem sabe das horas solitárias e dos momentos de desvêlo e angústia que deve suportar o homem de Deus?

A confiança mútua como ministros é nossa grande necessidade. Vivemos em tempos de tensão e ansiedade. O mundo está envolto num clima de desconfiança. A suspeita atormenta o cérebro dos homens. Não se encontra uma base sólida para levantar o edifício da confiança e amizade. A angústia e a aflição absorvem o coração dos homens e ameaçam introduzir-se no coração do ministro.

Esta falta de confiança exerce um efeito desastroso nos corações humanos e também ameaça a estabilidade do ministério. O Movimento Adventista está baseado na confiança em Deus, na confiança mútua e na confiança na organização. Quando isto desaparece, perde-se um dom inestimável.

O ministro separou-se do mundo e dedicou-se a Cristo. Sua comunhão com o Salvador deve ser tão íntima que possa levar seus próprios problemas a Jesus e confiar que Êle os solucionará. Nos momentos de desânimo e adversidade deve saber que há Alguém sempre pronto para ajudá-lo.

Embora viva no anonimato humano — talvez nalgum lugar apartado ou distante — e se considere olvidado pelos homens, deve lembrar-se de que Aquêle que o enviou nunca Se esquece de Seus servos fiéis, que êle é um representan-

te de Cristo nesse lugar, e que isto é o principal. Suas conversações com Jesus devem ser freqüentes e cordiais. Cumpre-lhe levar os problemas pessoais ao Salvador, por meio da oração, e com tôda a certeza conseguirá a paz do coração.

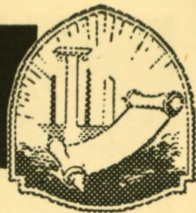
Demais, como ministros, temos um dever para com nossos companheiros. Trata-se do sagrado dever de companheirismo para com os que dedicaram a vida à mesma causa. É triste dizer que às vêzes falta isto e prevalece um espírito de desconfiança e rivalidade. Com freqüência o ministro não se sente livre para aproximar-se de outro ministro, abrir o coração e confiar suas aflições pessoais e seus pecados, por recear que em dado momento seus segredos sejam revelados nalgum lugar. Companheiros no ministério, isto não deveria ser assim. Existe um ser humano que também deseja e necessita do calor da amizade de seus colaboradores — é o pastor. Êle também quer falar com alguém, sem a menor dúvida de que se levantem suspeitas a seu respeito. Anela receber conselho e orientação no tocante à vida íntima, à família etc.

Acima de tudo devemos ser cristãos, e a melhor definição do cristianismo é amar o próximo como a si mesmo. Um desses próximos é o pastor. Não importa o lugar onde estejamos, a posição que ocupemos ou a raça a que pertencamos. Deus exige isto como um princípio fundamental. Deve existir confiança entre nós como ministros de Cristo.

Vivemos no período mais decisivo da história do mundo e da igreja, um período de lutas, tensões e receios. Essas lutas dirigir-se-ão contra o ministério. O diabo está irado contra os pastôres.

A mensagem de Deus é: "Não abandoneis, portanto, a vossa confiança; ela tem grande galardão." Não permitamos que desconfianças ou suspeitas minem o poder do ministro. Não de-

(Continua na pág. 6)



Terapêutica de Choque

Para Pregadores

CARLOS D. ANDERSON

Diretor do Departamento de Línguas do Colégio União
Canadense

DURANTE muitos anos o povo que constitui a igreja remanescente de Deus tem sido instruído a respeito da santidade do ministério. Por meio do ensino ministrado nas escolas primárias adventistas e em outros setores de educação, os jovens foram bem doutrinados quanto à atitude que devem manifestar para com aqueles aos quais foi confiada a responsabilidade de cuidar dos vasos sagrados da casa de Deus. Ocasionalmente se têm transmitido mensagens do púlpito para ajudar os membros a compreender como Deus considera este venerável serviço, e como eles também devem reputar o unguido do Senhor. Talvez nesta época liberal, semelhante instrução transmitida ao povo no passado a custo tenha sido suficiente. Cer-

tamente, os que estudam a Palavra de Deus não podem chegar a outra conclusão senão aquela de Davi nos tempos idos, o qual exprimiu seu remorso após um incidente com Saul, dizendo: "O Senhor me guarde de que eu ... estenda a mão contra ... o unguido do Senhor" (I Sam. 24:6).

Embora haja implícita harmonia entre os membros leigos e o ministério da Igreja Adventista do Sétimo Dia no tocante ao conceito mencionado acima, não é raro descobrir nos lares dos membros que a conversação particular desabona este ponto de vista. Frequentemente se tem evidenciado que várias conversações que acompanham os almoços do dia de sábado incluem uma dissecação do ministro ou de seu sermão, ou de ambos. Esta murmuração nas tendas do Israel de Deus deve constituir motivo de preocupação para os ministros do Senhor.

Certos costumes sociais muitas vezes são submetidos à crítica pelos habitantes do mundo ocidental, não importando que quem possua as idiosincrasias seja prelado, professor, ministro ou membro. Num ambiente tido como democrático, não é considerado lapso injudicioso examinar qualquer indivíduo sob a lente da crítica. Por conseguinte, apesar de sua educação religiosa, os membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia também se mostram condescendentes com esse passatempo que aparenta ser inofensivo.

À luz dos pensamentos enunciados acima, talvez seja interessante examinar um aspecto curioso relatado no Velho Testamento. A narrativa aparece em Números 35 e menciona as providências tomadas no antigo Israel para o estabelecimento das chamadas cidades de refúgio. Eram elas seis cidades concedidas aos levitas — três no lado oriental do Jordão e três no lado ocidental — para as quais os indivíduos culpados de homicídio involuntário podiam fugir em busca de segurança até que houvesse apropriada decisão judicial. Devido ao costume antigo pelo qual a vingança pessoal podia resultar em execução, Deus tomou medidas, não para abolir esse costume naquele tempo, mas para assegurar o refúgio ao indivíduo que matasse seu irmão de modo indeliberado. Isto tornou-se uma parte bastante essencial da vida israelita. As cidades estavam distribuídas de tal maneira que nenhuma pessoa se encontrava mais longe do

que meio dia de viagem (aproximadamente 50 km) de algum dos lugares de refúgio. Essa questão veio a ser tão importante que parece ter havido um sétimo lugar de amparo — as pontas do altar sobre que se aspergira sangue.

Em vista das observações feitas no início deste artigo, é bem provável que muitos dos ministros de Deus tenham erigido tais pontos de escape no Israel moderno. Sendo que se tem instruído os que ocupam os assentos das igrejas adventistas do sétimo dia a se absterem de criticar os ungidos do Senhor, pode acontecer que amiúde sejam procuradas certas condições, como lugares de refúgio em que se possam esconder com impunidade os que ministram a Palavra sagrada. Sejamos minuciosos.

Em primeiro lugar, desejo considerar, alegoricamente, as três "cidades" ao oriente do Jordão, pois parecem estar mais afastadas dos hábitos comuns de nossos pregadores. Pelo menos, espera-se arduamente que seja assim. A cidade de refúgio número um, para dizê-lo abrupta e francamente, é o "assassinio do português castiço." Tanto a relutância para apoderar-se dos princípios básicos da gramática e dicção da língua portuguesa, como a lassidão geral que incluía o desprezo pela necessidade dessas partes fundamentais, bem podem constituir um baluarte detrás do qual alguns se ocultam. Negar-se-á que o "vingador de sangue" consiga um julgamento correto de semelhante indolência, mesmo que o perpetrador disso se considere membro escolhido da corte do Rei dos reis? Disse a serva do Senhor em 1894: "Quase todo o ministro do Campo, caso tivesse empregado as energias que Deus lhe deu, não somente poderia ser eficiente na leitura, na escrita e na gramática, mas até mesmo em línguas." — *Testemunhos para Ministros*, pág. 194.

A segunda dessas cidades de refúgio dista poucos quilômetros da primeira, ao "oriente do Jordão." Bem pode ser chamada de Monotonia do Púlpito. Os mensageiros de Deus muitas vezes encontram "refúgio" nesta pseudo-fortaleza. Suas ruas estão calçadas com as pedras da insipidez, suas casas foram construídas com basalto do Monte Gilboa e o próprio ar da cidade exala um cheiro fastidioso. Os que fogem para esse lugar deviam ter observado atentamente o seguinte: "Aqueles que são disciplinados para servirem na causa do Senhor, deve ensinar-se a falar devidamente na conversação comum e perante congregações. A utilidade de muito obreiro é prejudicada por sua ignorância com referência à respiração correta, e à prolação clara, enérgica. Muitos não aprenderam a dar a ênfase devida às palavras que lêem ou falam. Frequentemente a pronúncia não é clara." — *Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes*, pág. 185. "A habilidade de falar clara e distintamente, em tom cheio e igual, é inapreciá-

vel em qualquer ramo da obra, e é indispensável aos que desejam tornar-se ministros, evangelistas, obreiros bíblicos ou colportores." — *Idem*, pág. 194.

A cidade de refúgio número três tem sido denominada de Cidade do Mau Procedimento na Plataforma. Sucede talvez, que com bem pouco esforço, o israelita que não encontre as cidades número um ou dois, depare com fácil acesso a essa ignóbil cidade murada. Alguns dos edifícios públicos desse abrigo receberam nomes assaz interessantes: Salão dos Cochichos, Estádio da Postura Desleixada, Centro Para Estudar Apontamentos, Recinto Para Dormitar etc. Um comentário sobre a construção destes notáveis edifícios pode ser interessante. As conversações, animadas ou não, que com freqüência ocorrem entre os participantes, sentados na plataforma, para a celebração de um culto divino, devem ser eliminadas. Uma das maneiras mais simples de fazer isto numa igreja é ter apenas duas ou três pessoas sentadas em volta do púlpito em qualquer reunião, e bem distantes uma da outra. O Estádio da Postura Desleixada, infelizmente, possui muitos participantes que de maneira alguma se deviam encontrar ali. Nessa instituição é necessário estudar a manter o porte ereto e a sentar-se sem cruzar as pernas na altura dos joelhos. Os últimos dois edifícios dispensam explicações, e podem ser classificados como conduta imprópria na plataforma.

Agora é preciso atravessar o Rio Jordão, para chegar às "cidades de refúgio" do lado ocidental. Talvez convenha que aquele que procura abrigar-se ali leia o letrado erguido perto de um dos vaus: "Se te fatigas, correndo com homens que vão a pé, como poderás competir com os que vão a cavalo? Se em terra de paz não te sentes seguro, que farás na floresta do Jordão?" (Jer. 12:5).

A primeira "cidade de refúgio" do lado ocidental do Jordão é a que chamamos de Inexatidão. Para a maioria dos "vingadores de sangue" essa região é difícil de ser localizada. Por via de regra, os que foram adestrados em rastejar são os únicos capazes de discernir essa cidade ou notar que um trucidador de pessoas passou por esse caminho. Dizem alguns que um dos motivos de ser difícil localizar essa região é que ela quase sempre está coberta de nevoeiro — uma espécie de miasma dialético. Os que buscam abrigo na Cidade da Inexatidão de ordinário tendem a lançar descrédito sobre a igreja em geral, ao começar ela a ser classificada como refúgio da falta de erudição. Talvez o "criminoso" em liberdade não precisasse obter "refúgio" em qualquer dos baluartes orientais do Jordão; sua linguagem fluente proveu-lhe fácil meio de defesa. Ao chegar, porém, a uma região mais povoada, olhares indagadores, sobrolhos erguidos e outras formas inarticuladas de

crítica obrigaram-no a refugiar-se atrás da cortina de fumaça da Verbosidade. Essa Cidade da Inexatidão é relativamente fria, pois foram extintos os fogos da erudição, sendo substituídos por alguns dispositivos aquecedores, como Grandiloquência, Fanatismo, Rumor, e Palavrório.

Mais ou menos a cinqüenta quilômetros para o sul da tristemente célebre Cidade da Inexatidão está situada a Cidade das Declarações Fora do Contexto. Diz-se que a maioria dos guardas dessa localidade têm deficiência visual, pois sofrem duma terrível doença chamada Desconjuntivite. Aquêles que busca refúgio nesse lugar tem de se deixar estigmatizar por ocasião de seu ingresso ali. Essa marca é geralmente a letra "F" aplicada no meio da testa. Os habitantes da região dizem que essa letra simboliza a Fé, mas os que residiram ali em tempos antigos afirmam que ela representava a palavra Fanatismo.

A terceira "cidade de refúgio" do lado ocidental do Jordão há muito tempo formou uma aliança com as outras duas, e é conhecida como a Cidade do Ponto de Vista Antagônico. Durante alguns anos a beligerância desse lugar era tão notória que muitos rejeitaram-lhe a proteção. Muitas vezes, quando jovens pregadores se aproximavam de seus muros, os semblantes carrancudos dos que se debruçavam sobre as ameias os aterrorizavam, de modo que se tornou um costume desviar-se dessa cidade entrincheirada e buscar refúgio num arrabalde próximo, chamado Vila do Ponto de Vista Suave. Tornou-se um refúgio popular, pois os registos parecem indicar que a maioria dos que se abrigaram ali jamais receberam a pena de morte. Com efeito, numerosos juizes de outras regiões têm sido chamados para deliberar sobre êsses casos, e quase sempre conseguem libertar os acusados. Destarte, êsses pregadores e seus pontos de vista são bem recebidos em todos os domínios dos gentios, especialmente no Egito. No entanto, bem poucos dos que foram julgados por êsses magistrados, e depois libertados, têm sido asaz perspicazes para notar a maliciosa piscadela, as cotoveladas ou o sorriso astuto de tais juizes.

Esperamos que esta parábola satírica não tenha sido enunciada inútilmente. Em minha humilde opinião existe apenas um lugar seguro de refúgio contra a investida dos "vingadores de sangue" — os críticos modernos. Êste lugar é o abrigo proporcionado junto ao altar, onde, de maneira contrita, o pregador pode orar: "Ó Deus, sê propício a mim, pecador! Instruime em Teus caminhos. Dá-me do Teu Santo Espírito para que eu sempre pregue somente como Jesus o fazia."

Uma Alma Solitária

(Continuação da pág. 3)

ve haver receios, não se deve julgar ou impugnar os motivos, não deve faltar a fé no companheiro nem o amor mútuo entre os que são portadores do estandarte de Cristo. Apresentemos uma frente unida perante o mundo e os sofismas e as desconfianças.

Todo ministro deseja ser um homem de êxito, mas cumpre lembrar que o êxito de outros é nosso próprio triunfo, e o fracasso de outros, nosso próprio fracasso. Alguns ministros se perdem ao longo do caminho por não terem confiança e coragem para abrir o coração a outro companheiro em busca de orientação; faltou o conselho, faltou uma palavra de amor no momento oportuno. Todos queremos ir ao Céu, todos queremos estar com Jesus; por isso devemos ajudar-nos mutuamente nesta luta. Diariamente devemos orar a Deus para que use nosso companheiro com crescente poder na pregação da mensagem de paz. Amor e confiança manifestados de ministros para com ministros darão êxito e poder a nossa obra.

O companheirismo não é algo que possamos reclamar como direito próprio. Mesmo nossa posição na obra de Deus talvez não nos qualifique para merecê-lo. O companheirismo é algo que se deve merecer, assim como a confiança e outros sentimentos. Companheirismo gera companheirismo, e confiança produz confiança. É um sentimento mágico como o amor. Quanto mais confiança e companheirismo manifestarmos aos outros, tanto mais êles aumentarão para conosco. O verdadeiro companheirismo cria fé na sinceridade e nos motivos do companheiro.

Oxalá o Senhor abençoe o ministério adventista, derrame a unção do Espírito Santo sobre essa "Alma Solitária" e nos ajude a ser colegas no ministério. Quando vier o supremo Ministro, Cristo Jesus, que possamos ouvir as palavras: "Muito bem, servo bom e fiel," fôste um auxílio para teu rebanho, ganhaste muitas almas para o reino dos Céus e também ajudaste teu companheiro nos momentos difíceis. Agora êle e seu rebanho igualmente estão aqui para desfrutar a vida eterna.

Que o coração do ministro seja um cofre do qual não saiam os segredos de seus colegas no ministério.

A Justificação pela Fé = II

OSCAR LINDQUIST

Pastor na Associação Paranaense



INCONTÁVEIS multidões, bem no íntimo, desejam profundamente a salvação e a vida eterna. E ainda que jamais tenham ouvido aquela voz que diz: “Este é o caminho, andai nêle” (1) ... andam contudo em busca dêle, para que, “porventura, tateando, o pudessem achar,” e a promessa é de que “não está longe de cada um de nós.” (2)

Obscurecendo e apagando a vereda que por Cristo conduz ao Céu, Satanás tem-se esforçado por apresentar uma religião falsa, de salvação pelas obras, pelos méritos pessoais, em oposição ao plano divino de salvação pelos méritos de Jesus Cristo e pela fé nêle.

Desde o Éden perdido ao Éden restaurado a graça de Deus é revelada em Cristo. Dificilmente há na Bíblia um verso ou um capítulo que não contribua, de um ângulo ou outro, para a glória da Salvação em Cristo. Não obstante, podemos ler a Bíblia regularmente e ainda falhar em aprender-lhe as lições e discernir seus ensinamentos. Satanás tem mil e uma maneiras de neutralizar a mensagem do evangelho.

Nestes últimos dias Satanás redobrá seus esforços para, se possível, “enganar até os escolhidos.” Já no início do período da igreja de Laodicéia, foi êle quase bem sucedido em levar o povo de Deus à senda do legalismo estéril e mais árido do que as montanhas do deserto. Repitamos aqui, para benefício dos que não leram o artigo primeiro, algumas palavras do Espírito de Profecia:

“Há verdades há muito escondidas sob o entulho do êrro e que devem ser reveladas ao povo. Muitos que professam crer a mensagem do terceiro anjo, perderam de vista a justificação pela fé” (3); e ainda aquela espantosa revelação de que “as nossas igrejas estão morrendo por falta do ensino do assunto da justiça pela fé em Cristo.” (4)

Esta tão importante doutrina da justificação pela fé em Cristo havia sido escondida durante séculos pelo entulho das tradições romanas e seus ensinamentos, e foi tirada de sob os mesmos já no tempo da reforma protestante na Europa. Novamente foi ela posta em perigo, em obscuridade, no início de nossa igreja, até que Deus nos mostrou o caminho certo. É uma campanha

árdua, constante, da parte de E. G. White e dos pastores Jones e Waggoner repôs êste importante ensino em seu devido lugar central onde sempre deveria ter estado.

Parece que há uma íntima relação entre as palavras da fiel Testemunha em Apoc. 3:17: “Como dizes: Rico sou e estou enriquecido, e de nada tenho falta ...” e as repetidas advertências do Espírito de Profecia no sentido de darmos mais atenção à mensagem da justificação pela fé em Cristo Jesus. Não sugerem as palavras acima citadas que somos bons, que de nada temos falta, que Deus nos há de salvar porque guardamos o sábado, todos os 10 mandamentos, damos o dízimo, não comemos isto nem bebemos aquilo, e não nos apercebemos, como os judeus, de que há perigo de desprezarmos o mais importante: “o juízo, a misericórdia e a fé?” (5) Não nos entendam mal. Tudo isto é bom, muito bom, mesmo indispensável. Mas não é o suficiente. Não vai ao cerne do problema que é Cristo, justiça nossa.

“Há almas conscienciosas que confiam parcialmente em Deus e em parte em si mesmas. Não olham a Deus a fim de serem guardadas, pelo Seu poder, mas confiam na vigilância contra as tentações e a realização de certos deveres a fim de serem aceitáveis perante Êle. Não há vitórias nesta espécie de fé. Tais pessoas se esforçam sem nenhum resultado; suas almas estão em escravidão contínua, e não encontram descanso até que depõem seus fardos aos pés de Jesus.” (6) Mas graças a Deus por tão encorajadoras palavras como as que seguem: “A grande obra que é realizada em favor do pecador manchado pelo mal, é a justificação. Por Aquêle que fala a verdade, é declarado justo. O Senhor imputa ao crente a justiça de Cristo e o declara justo perante o universo. Êle transfere seus pecados a Cristo — o Representante do pecador, seu Substituto e Penhor. Sobre Cristo é colocada a iniquidade de cada alma do universo.” (7)

Surge, porém,

UMA PERGUNTA

Que é justificação pela fé? Poder-se-ia defini-la como sendo “o ato ou o processo da graça de Deus pelo qual o homem é purificado de seus pecados e tornado justo aos olhos de Deus.” (8) Concorrendo com esta definição, sem dúvida correta, temos um pensamento de M. L.

Andreasen, que merece nossa atenção. Ei-lo: "A obra de Cristo sob o concerto da graça é tomar pecadores e fazer dêles santos." (9)

É verdade que a "respeito dêste assunto" "necessitamos muito mais conhecimento" — acima de tudo, conhecimento experimental. "Devemos ser iluminados com respeito ao plano da salvação. Não há um em cem que por si entenda a verdade bíblica dêste assunto (o da justificação por fé) que é tão necessário ao nosso bem-estar presente e eterno." (Grifo nosso.) (10) A Bíblia diz que

SOMOS JUSTIFICADOS

"Gratuitamente," "pela fé," "pelo Seu sangue," e isto independentemente das boas obras ou "das obras da lei," "para que nenhuma carne se glorie." (11) É de graça. Inteiramente de graça. Nada pode o homem fazer para merecer êste dom divino. O homem natural, não justificado, não convertido, não pode, mesmo que o queira, guardar a Lei em seu sentido amplo e espiritual, porque "a inclinação da carne é morte — é inimizada contra Deus, pois não é sujeita à Lei de Deus nem em verdade o pode ser. . . . Portanto os que estão na carne, não podem agradar a Deus." (12) Antes de poder guardar a lei, é preciso ser justificado pela fé. Mas para não ser compreendido mal no sentido de não ser necessário praticar boas obras, apresso-me a acrescentar: "Embora as boas obras não salvem ninguém, é não obstante, impossível que *uma só alma seja salva sem boas obras.*" (Grifo nosso.) (13) Isto é, "o pecador não pode depender de suas boas obras como meio para justificação," (14), que é pela graça, pela fé.

O ESPÍRITO CHAMA

O Espírito Santo chama a todos ao arrependimento. Ao contemplar o pecador o Filho de Deus na cruz, ao ver e compreender que "Deus amou o mundo de tal maneira que deu Seu Filho," sente-se atraído ao Salvador. Arrepende-se de seus pecados e então pode dizer com o Suave Cantor em Israel: "Esperei com paciência no Senhor, e Ele . . . ouviu o meu clamor." Mas mesmo o arrependimento é um dom de Deus. "O arrependimento não é menos um dom de Deus do que o perdão e a justificação, e não pode ser experimentado a menos que seja dado à alma por Cristo. Para sermos atraídos a Cristo, isto deve dar-se pelo Seu poder e virtude. Por Ele vem graça e contrição, e d'Ele vem justificação." (15)

Como nos é dito em *Vereda de Cristo*, é aqui que muitos falham em sua vida religiosa. Esperam tornar-se bons, aceitáveis, respeitáveis, antes de ir ao Mestre. "Quem deseja realmente o arrependimento? O que deve fazer? Deve ir a Jesus, justamente como é, sem tardança." (16). "Muitos pensam que devem esperar um impul-

so especial a fim de poderem ir a Cristo. A única coisa necessária, porém, é ir com sinceridade de propósito, decidir aceitar as ofertas de graça e misericórdia que nos são feitas." (17)

Como "nossa pecaminosidade, fraqueza e imperfeição humana tornam impossível aparecer diante de Deus, a não ser que sejamos vestidos pela imaculada justiça de Cristo" (18), necessário será obter o perdão dos pecados do passado. Mas "ninguém, a não ser Deus, pode subjugar o orgulho no coração humano. Não podemos regenerar-nos"; e "nas côrtes celestiais não se ouvirá cantar: A mim, pois que me amei a mim mesmo, lavei-me e redimi-me, a mim pois seja glória e honra e louvor. Mas isto é a nota tônica que se ouve de muitos lábios neste mundo. . . . Todo o evangelho se resume em aprender de Cristo, de Sua mansidão e amabilidade. Que é justificação? É a obra de Deus em *lançar a glória humana por terra e fazer pelo homem o que não lhe é possível fazer em seu próprio poder.*" (19) (Grifo nosso.) É, neste caso, aceitar por fé o perdão, livremente oferecido, depender da justificação pela fé. É verdade que "Cristo perdoa somente ao penitente," mas graças a Deus que "a quem perdoa, torna antes penitente." (20)

Deus nos torna penitentes. Vamos a Ele tal qual somos. Confessamos-Lhe os pecados, e "se confessarmos os nossos pecados, Ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados," (21) e o "Sangue de Jesus Cristo, Seu Filho, nos purifica de todo o pecado." (21) Aceitamos pela fé esta promessa e nossos pecados são lançados a débito de Cristo, e Sua justiça a nosso crédito. Trocamos os "trapos de imundícia" de nossa própria justiça pela "justiça branca e imaculada" de Cristo. "Se vos entregardes a Ele e O aceitardes como vosso Salvador, sereis então, por pecaminosa que tenha sido vossa vida, considerados justos por Sua causa. O caráter de Cristo substituirá o vosso caráter, e sereis aceitos diante de Deus, *exatamente como se não houvésseis pecado.*" (22) (Grifo nosso.) Justificação é pois "perdão completo e total dos pecados. No instante mesmo em que um pecador aceita a Cristo por fé, é êle perdoado. A justiça de Cristo é imputada a êle, e não deve mais duvidar da graça perdoadora de Deus. . . . É unicamente pela fé em Seu sangue que Jesus pode justificar o crente." (23) Se aceitamos pela fé estas providências divinas, então

SOMOS FILHOS E FILHAS DE DEUS

Não deve haver mais dúvida. Tôda esta caridade, todo êste sacrifício o Céu realizou para que "fôssemos chamados filhos de Deus." "Amados, *agora somos filhos de Deus,*" (24) e o mesmo Espírito testifica com o nosso espírito que

(Continua na página 17)

Os Discos Voadores e o Espiritismo = II

MIGUEL ALVAREZ

Pastor da Igreja de Tandil, Buenos Aires, Argentina

O JORNALISTA e aventureiro, Pedro D'Habereau, relata que em certa oportunidade, após participar de três dias de procissão, por desfiladeiros escarpados, chegou a pequeno planalto, onde se lhe apresentou o espetáculo mais impressionante e sensacional de todos os tempos. Diante de seus olhos se via um artefato voador, que em nada se assemelhava aos aviões comuns. Nos primeiros momentos pensou que poderia ser alguma arma secreta que aterrara nesses lugares.

Sua teoria ficou, porém, desvirtuada, quando um monge budista, quase centenário, chamado CHU-YATK, do qual se aproximara para solicitar um pouco de água, lhe externou o seguinte:

"Não te surpreendas, caminhante, de que fale a tua língua; os velhos discípulos do ALTO ESPÍRITO, quando nos aproximamos do encontro definitivo com o GRANDE MESTRE, temos êsse privilégio de conhecer longínquos países que nunca havemos visitado.

"Esta máquina é INTERPLANETÁRIA, e procede de outros mundos. A partir destes momentos, deparas com o segredo da GRANDE VERDADE que haverá de revelar-se um dia à humanidade sem rumo, e que se está despedaçando em guerras fratricidas.

"Os pilotos interplanetários estão dotados de sentidos ocultos, por cuja exercitação vêm trabalhando entre nós, desde longo tempo, certas escolas teosóficas e não poucas religiões do Oriente. Um dos sentidos é o telepático, que lhes permite conhecer o pensamento e as intenções dos que os rodeiam, através de qualquer distância e objeto físico; ... têm a faculdade de ver na mais profunda escuridão ... e conhecer o segredo da LEVITAÇÃO praticada pelos iogues. Interpretam a vida como um trajeto para a eternidade; como uma etapa prévia em que se acumulam conhecimentos, de tal modo que não crêem ser necessário chorar a desintegração física de seus parentes; em vez disso a celebram com festas e cantos jubilosos. Por outro lado, êsses visitantes de outros mundos se admiram de que os seres humanos professem

tantos credos teológicos e políticos, e que ainda não se tenham unificado." 15

Os Discos Voadores e o Espiritismo

Neste artigo consideraremos também o conceito espírita sobre o problema em pauta: os discos voadores.

Em primeiro lugar, convém destacar a advertência que, mediante um comunicado, fizeram os senhores Ariel Ciro Dietti e Cristiano Vogt, respectivamente presidente e secretário da Comissão Observadora de Objetos Voadores não Identificados (CODOVNI), da Argentina.

O referido comunicado expressa o seguinte: "Visto que pessoas distintas, tanto na capital como nas cidades do interior, proferiram conferências vinculadas com o problema dos discos voadores, com pormenores que inferem uma origem que escapa ao critério científico, e cuja fonte tem sido o ESPIRITISMO e doutrinas afins, a Comissão Observadora de Objetos Voadores não Identificados, previne que, sem ter o propósito de criticar o ESPIRITISMO, tema que escapa a suas atividades, as declarações feitas em relação com os fenômenos parapsicológicos da entidade espiritualista mencionada contêm meras fantasias.

"A CODOVNI, único organismo que estuda nesse país o problema dos discos voadores, com critério científico, após minuciosos estudos realizados por esta Comissão, sobre os sérios testemunhos existentes no mundo todo, foi levada a opinar que os discos voadores são REAIS e procedem quase seguramente do espaço.

"Todavia, a atual condição das investigações sérias não permite ir mais além, dando prova concreta sobre procedência, tripulantes e intenções." 16

Importa realçar que além dos testemunhos apresentados, o problema dos discos voadores vem sendo intensamente abordado pelas ramificações da metapsíquica e teorias afins.

Existem no presente diversas declarações de Entidades Espíritas, em que sobressai a Associação de Metapsíquica de Buenos Aires, que conta com um grupo de sensitivos da Associa-

ção Universal Metapsíquica (AUM) e com uma filial em Córdoba. No plano da parapsicologia cumpre destacar a Escola Científica Basílio e outras ramificações.

O Sr. Agapito Millán, membro da AUM, numa dissertação sobre o tema: "Transcendentais Revelações Sobre os Discos Voadores," afirmou: "Os movimentos em prol da convicção da realidade dos discos voadores se estende pelo mundo inteiro, sendo cada dia maior o número de cientistas e militares que crêem que tais astronautas procedem de outros planetas." "A Associação Universal de Metapsíquica, que se vem ocupando há anos com o apaixonante assunto, obteve recentemente por meio de sua filial de Córdoba, um grande êxito: em 17 de julho de 1961, anunciou que no dia 22 do mesmo mês passariam pela Argentina três discos voadores, às dez horas da manhã, em direção de norte a sul. Mais de vinte pessoas, segundo se anunciou, viram passar os discos voadores na região de Córdoba. As astronautas também foram vistas no Brasil. Em Córdoba foram observadas por médicos, militares, empregados da municipalidade, operários das pedreiras e outras pessoas que não tiveram inconveniente em dar seu testemunho. A comprovação do fato assombrou a muitos, e fez com que a Escola de Aviação Militar convidasse um membro da AUM para dissertar ante a presença das autoridades, chefes, suboficiais e alunos do estabelecimento."

Salientou o Sr. Millán, "que em todas as comunicações, os seres espaciais têm evidenciado que não pretendem invadir-nos... mas ajudar-nos."

"Nosso planeta vive apartado do mundo dos demais planetas e seres que os povoam; os discos voadores nada mais são que veículos utilizados para chegar até à Terra, com a finalidade de incorporar-nos a esse mundo, pois pensam que do contrário nos afundaremos no abismo... Se recusarmos a ajuda que nos oferecem, aceleraremos nossa RUÍNA MORAL. Minhas conexões com seres de outros planetas me permitem conhecer o que está ocorrendo." Assegurou o orador que "já atuam na Terra, homens e mulheres que têm chegado de Marte, Vênus e outros planetas, trabalhando em benefício da elevação espiritual dos habitantes da Terra." Disse também o Sr. Millán: "Podemos adiantar, que os seres espaciais não falam com qualquer homem ou mulher de nosso planeta, porque os contatos devem ser feitos somente com os que estão preparados para isto;" e concluiu afirmando: "Devemos capacitar-nos para estabelecer o diálogo com os seres que vêm nos discos voadores, com o objetivo de comunicar nosso planeta, a Terra, com os restantes, pensando assim num futuro MELHOR e saindo do CAOS MORAL que agora enfrentamos." 17

De comum acordo com o que foi expressado, declara-se numa publicação da Associação Universal de Metapsíquica, que em lugares desérticos do norte argentino, se têm estabelecido bases de discos voadores. Acrescenta-se que seus tripulantes realizam ali seu período de "aclimação," com o objetivo de poder entrar posteriormente em contato com os seres da Terra. O de Salta tem grande importância, maior talvez do que imaginem os leigos e os observadores científicos.

Da região de Puna de Atacana, de alguns setores que se limitam com o Chile e de outras regiões virtualmente inacessíveis hão de provir NUM FUTURO PRÓXIMO, SUCESSOS QUE TERÃO AMPLA REPERCUSSÃO...

Declarações na Agrupação Espiritual Labor

A Sr^a Annie Mayer, após seu regresso da Europa, manifestou numa de suas palestras auspiciadas pela Agrupação Espiritual Labor, que assistiu na Alemanha a um congresso no qual havia representantes de diversos países, e que narraram suas experiências vinculadas com os discos voadores e suas características e procedência. A dissertadora salientou perante numerosa assistência, que as astronautas procedem de outros planetas e trazem à Terra mensagens de fraternidade. Os habitantes do cosmos nos estudam a fim de advertir-nos, prevenir-nos e salvar-nos. Os discos voadores são invulneráveis e nenhum projétil pode alcançá-los, pois são protegidos por um campo magnético ultrapotente. Os veículos espaciais são amigos. Sabamos tratá-los com amor.

Declarou então a oradora que em diversos países do mundo várias pessoas tiveram contato com tripulantes dos discos voadores, chegando até a viajar nessas aeronaves.

Depois de mostrar fotografias de treze pessoas que passaram pela referida experiência, destacou o caso de Jorge Adamski, talvez o mais extraordinário, pois manteve com um dos tripulantes espaciais uma troca de idéias mediante transmissão do pensamento ou comunicação telepática. 18

Os Discos Voadores e a Escola Espírito-Científica Basílio

Nosso propósito, ao ir lançando neste artigo os diversos testemunhos existentes sobre o problema dos discos voadores, é o de vinculá-los estrategicamente com as possibilidades deduzidas do fundo profético previsto nas Escrituras Sagradas e nos escritos do Espírito de Profecia.

Antes de apresentar uma relação nesse sentido, acrescentamos aos elementos precedentes um sucesso que se destaca com inquestionável argumento, e que nos permite determinar inconfundivelmente a verdadeira origem dos dis-

cos voadores, bem como os propósitos futuros destas manifestações.

"No dia 2 de abril de 1961, no Luna Park de Buenos Aires, reuniu-se à noite um grupo de nada menos que 25.000 pessoas de diversas categorias sociais, para assistir a uma festa espiritual do dia da Redenção Humana, organizada pela Escola Científica Basílio, que, como se sabe, é uma entidade dedicada ao culto espírita. Compareceram ao referido ato, delegados de organizações espíritas de Costa Rica, Chile, Estados Unidos, Colômbia, Paraguai, Uruguai e Venezuela.

"Atribuiu-se à reunião singular transcendência, pois segundo a informação dada, Jesus de Nazaré, em espírito materializado, iria dirigir as clarividências necessárias confirmadas por todos os videntes presentes, a fim de verificar o assunto dos discos voadores, seus tripulantes e, além de outros dados, o por quê de sua invasão à Terra.

"Atuou como médium vidente a Srt^a Ema Guardiello, e como diretor do diálogo a ser entabulado com outros videntes presentes, o Sr. Hilário Fernández.

"As perguntas formuladas pelo diretor da sessão, os videntes, entre os diversos dados que proporcionaram, revelaram o seguinte:

- a) Que Marte se achava habitado.
- b) Que no mencionado planêta se observavam cidades.
- c) Que se contemplavam naves espaciais prontas para partir.
- d) Que seu rumo seria a Terra.
- e) Que desceriam sôbre ela em lugares montanhosos e desérticos.
- f) Que os marcianos, ao pisar na Terra, não podiam permanecer nela durante muito tempo, pois fluía sangue da bôca e do nariz dêles.

"Finalmente, e após um apêlo para a preservação da moral e dos bons costumes, bem como em favor da unidade familiar para que cada um cumpra seu destino, acrescentava-se o fato de que estão sendo intensificadas as investigações que possibilitem aos MARCIANOS viver na Terra, após o que se produziria a invasão." 19

Fenômenos que Acompanham aos Discos Voadores

Na segunda convenção do organismo denominado Comissão Observadora de Objetos Voadores não Identificados, realizada em Buenos Aires e na qual havia representantes da Comis-

são de Estudo e Difusão de Astronáutica, atuou como coordenador o Sr. Paulo Michalowski. Declarou o Sr. Cristiano Vogt, nessa reunião:

"A Comissão de Objetos Voadores não Identificados acha-se empenhada agora no desenvolvimento de trabalhos relacionados com êsses artefatos... Investigou-se o caso ocorrido em 6 de agôsto de 1961, na província de Mendoza. Nesse dia, às 22:45 horas, foi observado um disco voador que desceu até 200 metros e depois de estourar se destruiu, coincidindo êste fenômeno com a localização de VARIOS INCÊNDIOS em regiões próximas ao local em que se colocou o artefato." 20

Numa crônica informativa do semanário "La Provincia," na cidade de Neuquén, Argentina, lemos o seguinte:

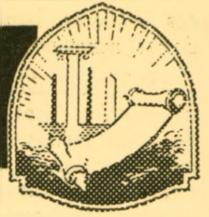
"Pouco antes do grande sinistro de terremotos e maremotos que afetaram a nação chilena, declarou-se que se havia visto na zona cordilheirana em direção a S. Carlos de Bariloche, uma flotilha dos denominados discos voadores.

"O curioso é que quando mais ou menos êles aparecem no firmamento, essas zonas, posteriormente, se vêem afetadas por TERREMOTOS, MAREMOTOS, C I C L O N E S, ou GRANDES PERTURBAÇÕES ATMOSFÉRICAS, INUNDAÇÕES etc. Veremos que nos revela o futuro." 21

O Sr. Alberto Perego, diretor do Centro de Estudos para a Aviação Electromagnética de Roma, numa conferência transmitida pela imprensa, revelou, entre outras coisas, que a aterragem de um disco voador provocara a morte do secretário de defesa dos Estados Unidos, Sr. Forrestal, e acrescentou que outros discos foram a causa do recente INCÊNDIO que irrompeu no Observatório Astronômico de Roma." 22

Outros registos que nos chegam através da imprensa, sôbre certos fenômenos que se estão tornando visíveis e que vale a pena consignar, são os seguintes:

De Oran, Salta, informa-se que: "Através de sucessivas narrações colhidas de viajantes que vêm de San Andrés e outros pontos da serra próxima a esta cidade, vão-se conhecendo aspectos dos FENÔMENOS SÍSMICOS que desde o dia 12 do corrente se registaram nessa região... Através de um céu descoberto se pode ver uma linha de fogo de mais ou menos 60 km. A possibilidade de um incêndio de florestas deve ser rejeitada devido à época do ano e em razão das intensas chuvas que estão caindo, e que não têm precedentes. Várias testemunhas, procedentes das regiões afetadas, mencionaram a existência de "UM FOGO DO CÉU, QUE FAZIA ARDER OS OUTEIRO." (Continuará no próximo número.)



O que Era a Heresia dos Gálatas?

TIAGO W. ZACKRISON

Diretor do Departamento de Teologia do Colégio Colômbia-Venezuela



OS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA, devido a sua insistência sobre a perpetuidade da lei de Deus, e em especial do sábado do sétimo dia, são muitas vezes acusados, direta ou indiretamente, de manter e ensinar a heresia dos gálatas, contra a qual Paulo escreveu tão vigorosamente.

Uma declaração típica aparece num livro recente, o qual, por curioso que pareça, é bastante recomendado por alguns adventistas. Escreve o autor:

“Esta é, portanto, a doutrina adventista da salvação. Ela ensina que somos perdoados somente pela graça, mas depois revela que o perdão é apenas provisório, dependendo de nossa subsequente atitude correta — o que é galacianismo.”¹

A Gravidade do Problema na Galácia

Perguntamos a nós mesmos se o que esse autor diz ser a heresia dos gálatas é realmente essa heresia. Interpretou ele corretamente os fatos históricos? Que sucedeu na Galácia para motivar a escrita de uma carta em termos tão fortes? Não é comum escreverem os pastores a suas congregações, chamando-as de “insensatas.” Qualquer que fôsse essa nova crença, ela estava errada — consistia num “evangelho” diferente do que fôra pregado por Paulo (Gál. 1:6). Era um caso de completa apostasia doutrinária. O mundanismo e as normas baixas são bastante prejudiciais na igreja, como aconteceu

em Corinto, mas a apostasia doutrinária não somente exerce um efeito nocivo sobre os membros, mas dilacera o próprio fundamento sobre que se baseia o evangelho e produz deletéria forma de paganismo, devido a achar-se às vezes tão próxima da verdade. Por isso afirma Paulo: “Não que exista outro evangelho, mas há alguns que vos perturbam e querem perverter o evangelho de Cristo” (Gál. 1:7). Não resta dúvida de que havia um sério problema na igreja dos gálatas; perguntamos, porém: Consistia esse problema naquilo que o Sr. Douty diz que ele era?

A Questão Era a Obediência a Deus?

A declaração do autor: “... o perdão é apenas provisório, dependendo de nossa subsequente atitude correta — o que é galacianismo” baseia-se evidentemente sobre a crença na doutrina da eterna segurança, comumente denominada “Uma vez salvo, salvo para sempre,” e parece indicar que Deus não leva em conta, no juízo, a conduta diária. Na realidade, todo o capítulo em que aparece aquela declaração, deixa transparecer uma tentativa para provar esse pormenor; tanto do ponto de vista do calvinismo como do arminianismo.

Na página 70 o autor salienta que os arminianos são “tão enfáticos quanto os calvinistas em ensinar que no momento em que o pecador se arrepende e crê, ele possui o perdão incondicional de seus pecados passados e a fruição imediata da vida eterna.” Acrescenta então: “Eles não crêem que o perdão e a vida eterna dependam do procedimento futuro, embora acreditem que a má conduta futura resultará na

perda de bênçãos já desfrutadas.” Seja qual for o significado desta declaração bastante confusa, o autor parece indicar que a vida eterna não depende da conduta futura, mas que o mau procedimento futuro será punido. Qual é a diferença?

Entretanto, a questão da obediência a Deus como resultado da salvação não era o ponto controverso na Galácia. Diz o próprio apóstolo Paulo:

“Porque vós, irmãos, fostes chamados à liberdade: porém não useis da liberdade para dar ocasião à carne. . . . Se vivemos no Espírito, andemos também no Espírito.” Gál. 5:13 e 25.

Estes versículos só podem significar que a salvação deve produzir uma modificação na vida. O cristão não vive da mesma maneira que o pecador. Em parte alguma da Bíblia se ensina que a salvação isenta o homem do dever de obedecer a Deus. Tampouco constitui legalismo manter êsse ponto de vista. O que a Bíblia ensina é que a salvação pela fé habilita a pessoa, a fim de que pela graça e o poder de Deus em sua vida, consiga obedecer. Declarar que o indivíduo que experimentou o novo nascimento está livre do dever de prestar obediência, é contradizer o que Paulo afirmou. A questão da obediência não era a dificuldade na Galácia.

Qual Era o Problema na Galácia?

Na página 68 do livro em consideração, o Sr. Douthy escreve que o galacianismo é “a doutrina de que não obstante o que Cristo tenha feito por nós, a salvação depende, em parte, de nossas boas obras.” Isto aproxima-se mais da verdade, mas ainda está apenas meio certo. Os gálatas não confiavam somente em suas próprias obras, mas introduziram outro sistema de salvação em lugar do que Deus lhes revelara por meio de Paulo. Das palavras introdutórias do livro, ressalta que os crentes gálatas haviam alterado radicalmente suas idéias a respeito de como obtinham a salvação, substituindo o sistema de salvação por intermédio da graça de Deus, pela lei, especialmente a lei cerimonial e um judaísmo apostatado.

“Admira-me que estejais passando tão depressa daquele que vos chamou na graça de Cristo, para outro evangelho; o qual não é outro, senão que há alguns que vos perturbam e querem perverter o evangelho de Cristo.” Gál. 1:6 e 7.

Comenta Ellen G. White:

“Através da influência de falsos ensinadores que se tinham levantado entre os crentes em

Jerusalém, a divisão, heresia e sensualismo estavam rapidamente ganhando terreno entre os crentes na Galácia. Êsses falsos ensinadores estavam misturando tradições judaicas com as verdades do evangelho. Desconsiderando a decisão do concílio geral de Jerusalém, impuseram aos crentes gentios a observância da lei cerimonial. . . .

“Cristo, o verdadeiro fundamento da fé, fôra virtualmente renunciado pelas obsoletas cerimônias do judaísmo.”²

Que ninguém pode salvar-se por quaisquer obras que tenha realizado é uma das mais claras verdades da Bíblia, mas ensinar que a pessoa pode transgredir a lei moral e fazer o que lhe apraz, é ensinar o antinomismo — uma doutrina que não se encontra na Bíblia. Uma coisa é dizer que o homem se salva por meio da lei moral ou cerimonial, como afirmavam os judaizantes; e outra bem diferente, é declarar que o recebimento da graça de Deus e a fé em Jesus habilitam a pessoa a obedecer, conforme ensinam os adventistas do sétimo dia. Paulo emprega os capítulos cinco e seis de Gálatas para salientar exatamente isso — que o novo nascimento e a recepção do Espírito produzem na vida diária os frutos do Espírito. A liberdade cristã jamais será liberdade para pecar; ela é libertação do pecado pela duradoura presença de Cristo na vida.

Contrariamente ao que declara o Sr. Douthy, os adventistas do sétimo dia não ensinam que obter a salvação dependa de alcançar perfeição de caráter. Ensinamos que a graça de Cristo continua operando em nós após a justificação, e produz progresso diário em direção à maturidade cristã. Por si próprio, o indivíduo não pode atingir qualquer espécie de perfeição. Essa era a heresia dos gálatas — a tentativa de alcançar a salvação sem Cristo. “Se a justiça (justificação, na R. S. V.) é mediante a lei, segue-se que morreu Cristo em vão.” Gál. 2:21.

Infelizmente, talvez alguns adventistas do sétimo dia não compreendam nossa verdadeira posição, e como resultado tenhamos às vezes dado a impressão de que sejamos salvos por observar o sábado. O melhor argumento contra afirmações errôneas a respeito de nossas crenças, como a que consideramos neste artigo, é a manifestação dos frutos do Espírito em nossa vida diária.

1. Norman F. Douthy, *Another Look at Seventh-day Adventism* (Grand Rapids: Baker Book House, 1962), pág. 75.
2. Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos*, págs. 383 e 385.



Como Destruir uma Igreja

JOÃO SLEMP

Redator da Revista *Missions*

Primeiro: Tomai-o como certo. Visto que ela sobreviveu cinqüenta, cem, duzentos anos, supõe-se que ela continuará durante outros cinqüenta, cem ou duzentos anos. Afinal de contas, quem procuraria causar-lhe dano? Quem desejaria destruí-la?

Segundo: Dai-lhe um caráter local. Identificai-a com certa esquina de determinada parte da comunidade. Demarcai-lhe os limites, rodeai-a duma muralha, isolai-a do mundo exterior. Deixai que sirva a sua própria clientela, segundo lhe aprouver, sem quaisquer sugestões de outros. Afinal, não é ela uma igreja independente? Que direito têm os outros de dizer-lhe o que deve fazer?

Terceiro: Limitai sua mensagem às partes do evangelho que as pessoas desejam ouvir. Deixai-a expandir-se sobre o amor fraternal e os portais de pérolas, mas fazei-a abrandar ou desprezar importantes assuntos, como a justiça, misericórdia e paz. Deixai-a permanecer afastada dos interesses sociais — essas questões controversas como o convívio racial, a justiça econômica e a boa vontade internacional. Confiai isto à decisão do mundo secular. Fazei a igreja apegar-se apenas ao evangelho simples.

Quarto: Silenciai a voz profética em seu meio. Se alguém dentro da igreja ou fora dela começar a falar como Isaias, Jeremias, Amós, João Batista, João Bunyan, Rogério Williams ou Walter Rauschenbush, nada tendes que ver com ele. Tirai-o da igreja o mais depressa possível, ou acautelai as pessoas contra ele. Podeis até escrever para vossos dirigentes denominacionais, acêrca do que ele está dizendo, e transmitir talvez a branda advertência de que suprimireis vosso apoio financeiro se sua voz não fôr silenciada.

Quinto: Tornai seletiva a qualidade de membro da igreja. Impedi a entrada de tôdas as pessoas indesejáveis — que não pensam como vós, não vestem da mesma maneira que vós ou não têm a mesma côr da pele. Conservai homogêneos os membros. Fazei a igreja tornar-se um clube seletivo, composto da correta espécie de pessoas — vossa espécie de pessoas; pessoas que vivam no lado certo da rota traçada.

Sexto: Eliminaí sua fonte de abastecimento. Negligenciaí os seus jovens. Não lhes ensineis alguma coisa a respeito da igreja ou da denominação a que ela pertence, ou ainda da missão mundial da igreja. Afinal de contas, não convirá deixá-los pensar por si mesmos, formar suas próprias idéias, tomar suas próprias decisões? Por que ajudá-los? Por que ter uma organização especial para eles? Por que adestrá-los?

Sétimo: Amesquinhai seu âmbito evangelístico. Para substituí-lo, salientai o “diálogo” teológico e as corretas minudências eclesiásticas. Que a igreja cresça através dos meios naturais — à medida que os filhos dos membros atuais se tornarem adultos, e outras famílias se mudarem para a comunidade.

Oitavo: Reprimi-lhe a mensagem e o espírito missionário. Não tem a igreja já muito que fazer em sua própria sede? Não se restringe sua principal responsabilidade à própria comunidade em que está situada? Por que incomodar-se então com pessoas que vivem na outra metade do mundo, ou mesmo com pessoas de outras regiões deste país? A igreja, naturalmente, não pode fazer tudo.

Mantende-vos silenciosos agora. Andai de mansinho. A igreja que morreu pode ser a vossa.

Extraído de *Missions*, um periódico internacional pertencente à Igreja Batista. Usado com permissão.

Diótfrefes e sua Ética

RODOLFO BELZ

Presidente da União Este-Brasileira



FALANDO de Diótfrefes, São João, na terceira epístola, versos nove e dez, escreve o seguinte, segundo a tradução de H. Rohden: "Mas esse Diótfrefes que entre eles se arvora em chefe, não nos recebe... desacreditando-nos com palavras malévolas..."

Não só ele mesmo recusa receber os irmãos, mas ainda proíbe os outros de os receberem."

Embora a doutrina de Diótfrefes seja tão antiga como o pecado, modernamente sua ética foi muito aperfeiçoada. Procurava ser o mais importante, a primeira pessoa entre os irmãos e ter a última palavra nos diversos assuntos. Não reconhecia a autoridade do apóstolo, nem seus planos de trabalho. Sua ética consistia em atacar os seus superiores com "palavras maliciosas." Fazia trabalho subversivo, impedindo a liberdade da palavra e ação, dos apóstolos e irmãos da igreja.

Analisemos os fatos: O desejo de primazia surgiu com Lúcifer e desde então ele estabeleceu a "ética da escada," isto é, sempre usar os outros, como degraus. Depois este método continuou com Caím, que se ofendeu pelo êxito de seu irmão; e com Saul, que quis ser sacerdote em lugar de rei. Absalão pensava ser melhor do que seu pai Davi. Coré queria ser superior a Moisés. Uzá era o único a segurar a arca. Os discípulos de Jesus disputavam esse lugar no reino da graça, e afinal Diótfrefes, no estabelecimento da igreja cristã. Querer ser o primeiro, o mais honrado, o infalível, o que sempre diz: "Eu sabia," ou "eu não disse," ou ainda: "Eu bem falei, mas..." se torna detestável com uma ética viciada pela egolatria.

Não satisfeito com esse procedimento, Diótfrefes atacava os seus líderes, aqueles que estiveram com Cristo e que alcançaram uma expe-

riência especial durante os anos de lutas e tribulações. Revelando assim o mesmo espírito que Balaão teve, pois tendo recebido aviso de Deus, insistia em seguir os seus próprios caminhos errados. Completando sua ética peculiar, de desrespeito e ataques, fazia trabalho subversivo, procurando toldar a liberdade, a hospitalidade e macular o nome dos apóstolos. Que ética diabólica, não é?

Sobre este estado de coisas, ensina São João: "Escrevi à igreja," sim é preciso que a igreja seja avisada daqueles que não têm o devido comportamento cristão, para proteção e progresso da igreja. Depois ainda recomenda: "Não imites esse mal."

Amigo e companheiro no ministério, será que Diótfrefes já conseguiu interessar-te nessa ética tão pernicioso? Permita Deus que não. Não, nunca pensar que somos "o tal," mas dar valor ao companheiro, aos dons que possui, seus métodos, embora não sejam iguais aos nossos. Deus trabalha por meio de muitos diferentes métodos e dons.

Não desprezes aos que foram postos como guias do povo de Deus, pois suportaram o calor da luta e *abriram caminho para os mais jovens*. É necessário saber respeitar a fim de poder ser respeitado. Não uses "palavras malévolas" contra o companheiro e muito menos contra os que dirigem a obra, mas segue "a paz com todos, e a santificação sem a qual ninguém verá o Senhor."

Não procures impedir o bem que alguém queira fazer a outros. Não domines a ação e consciência do teu companheiro e irmão. Não te intrometas entre ele e o seu Deus. Não faças subversão espiritual.

Homem de Deus, foge dos Diótfrefes e de sua ética, mas "segue a justiça, a fé, a caridade, e a paz com os que com coração puro, invocam o Senhor."

AVIVAMENTO DUMA

IGREJA DESANIMADA*

QUANDO fui chamado para ser o pastor da igreja adventista numa pequena cidade, deparei com um grupo de crentes desanimados. Uma vez em um a três meses, o pastor distrital visitava a igreja. Do lado espiritual, o panorama era sombrio. Esta pequena congregação sofrera muitas experiências penosas nos anos anteriores.

O primeiro ancião, com mais de quarenta anos de idade, era membro batizado há nove anos, no entanto conhecia bem pouco a respeito de Ellen G. White e de sua obra. Com efeito, tinha a impressão de que ela era um tanto fanática em alguns de seus pontos de vista. Relacionei essas impressões com aquele que o batizara e também com outro pastor que veio em seguida. Na realidade, a primeira coisa que este ancião ouvira acêrca da mensageira do Senhor consistia no que lhe disseram quando o conduziram ao tanque batismal. Perguntaram então a êle e à esposa se concordariam em ler um livro intitulado *O Desejado de Todas as Nações*. Êles prometeram fazê-lo.

Após o batismo, o ministro comentou o assunto mais pormenorizadamente e afirmou que os adventistas do sétimo dia em geral a consideravam como sua profetisa, mas que êle e a esposa teriam de decidir isso por si mesmos, depois de ler *O Desejado de Todas as Nações*.

Mais tarde outro pastor chegou ao distrito, e usava o Espírito de Profecia para apresentar ensinamentos extremistas sobre reforma de saúde. Assim esse ancião de igreja e sua esposa passaram a sentir aversão pelo Espírito de Profecia — tudo por causa da maneira em que dois de nossos pregadores haviam tratado do assunto da vocação da Sr^a White e de sua obra. Êste irmão e alguns outros inferiram que se essa senhora apoiava o ensino de tais opiniões, ela certamente não podia ser a verdadeira mensageira do Senhor.

Essa era realmente a situação quando cheguei àquela cidade. Não admira que o ancião local e sua esposa, bem como a maioria dos membros, estivessem experimentando uma espécie de religião mecânica e sem vida.

Poucas semanas depois, ventilei o assunto das reuniões de oração, indagando qual seria um bom tópico para interessar os crentes. O ancião da igreja, a quem chamaremos de Irmão Jacó, acabara de receber um folheto do escritório da Associação, descrevendo o Curso Sôbre

Orientação Profética. Seu interêsse no referido curso brotou da curiosidade. Quando êle mencionou a possibilidade de ministrar êsse curso nas noites de quarta-feira, achei excelente a idéia. Havendo-o concluído anteriormente, senti-me animado pelo Senhor para empreender o projeto.

Nossa igreja encomendou suficientes compêndios e lições para cada família. No sábado expusemos nosso plano, e na noite da quarta-feira seguinte teve início o Curso Sôbre Orientação Profética.

Haveria algum interêsse? Será que os membros da igreja, com sua atitude negativa para com a Sr^a Ellen G. White e sua obra, sentiriam necessidade dêsse curso? Muitas vêzes as dúvidas assaltaram-me a mente. Ao chegar a noite de quarta-feira, todos os membros se achavam presentes, com exceção dos inválidos que nunca compareciam. Foi uma verdadeira vitória. De todos os que se inscreveram a princípio, apenas dois deixaram de concluir as lições e receber o certificado. Estendemos o curso a um período de seis meses — demasiado longo, sem dúvida — mas o interêsse manteve-se elevado apesar das interrupções. No começo, notava-se que aquele ancião e sua esposa procuravam opor-se, depreciando os escritos em cada ponto. Contudo, à medida que foram surgindo as evidências de sua inspiração, as objeções desapareceram.

Certa ocasião, em que considerávamos os fenômenos físicos relacionados com as visões primitivas da serva de Deus, chamei a atenção para a experiência que ela tivera em segurar a Bíblia da família Harmon durante 30 minutos, enquanto se achava em visão — estando a enorme Bíblia, que pesava mais de 8 quilos, estendida em sua mão esquerda.

Procurei ilustrar êsse ponto, trazendo o maior livro que havia em minha biblioteca. Pesava a metade do volume segurado pela Sr^a White. O homem mais forte do auditório segurou o livro apenas durante três minutos. O irmão Jacó exclamou: “Não creio absolutamente que a Sr^a White o fizesse!” Dissemos pouca coisa e não insistimos na questão, pois sabíamos que os fenômenos físicos podem ser imitados por Satanás. Quando apresentamos as evidências mais satisfatórias e intrínsecas de sua inspiração, as velhas opiniões começaram a recuar.

* O autor solicitou que seu nome não fôsse publicado.

Esforcei-me por mostrar quão equilibrados eram os ensinamentos sobre princípios de saúde e alimentação. Isto serviu para contrabalançar a instrução extremista recebida anteriormente.

Para ter uma idéia da condição teológica dos crentes na época em que se iniciou o curso, fiz um questionário. Para surpresa minha, verifiquei que apenas dois membros criam realmente que essas mensagens para a igreja eram inspiradas. É verdade que todos acreditavam nisso de uma maneira formal, mas somente dois pareciam apegar-se com confiança ao fato de que os conselhos deviam ser praticados na vida diária. Penso que a principal razão para essa atitude era simplesmente a falta de suficiente conhecimento sobre Ellen G. White e sua missão para com a igreja e o mundo. As aulas de orientação profética confirmaram a fé daquele homem no movimento adventista e na mensagem de Deus para o povo remanescente. A igreja experimentou notável avivamento.

O resultado mais importante desse curso naquela pequena igreja, foi a unidade produzida por ele. Pela primeira vez na história dessa congregação, todos os membros estavam em harmonia quanto a sua fé no Espírito de Profecia. Desapareceram as dúvidas acerca da direção divina na origem, progresso e desenvolvimento da igreja. Havia bastante voluntariedade para espalhar o evangelho, e novo entusiasmo apoderou-se das pessoas.

As lições que este curso ensina sobre história denominacional, sobre as fundamentais doutrinas adventistas extraídas da Bíblia, sobre a clara orientação do Senhor através de Sua mensagem, e o desenvolvimento das atividades departamentais da igreja, produzem forte impacto sobre a mente dos estudantes. Não existe outra maneira para estabelecer a igreja mais firmemente do que estudar estas lições em conjunto.

Todo pastor com preparação adequada será capaz de tomar essas lições e apresentá-las à congregação. Lançará desse modo um fundamento de fé na providência divina, que apresentará o derramamento do Espírito Santo e a transmissão do alto clamor por parte dos membros e pregadores do Movimento Adventista.

Além disso, o estudo dessas lições diminuirá consideravelmente a influência de movimentos espúrios na igreja. É impossível dizer quantas igrejas, grandes ou pequenas, encontrariam nova vida por meio das lições do Curso Sobre Orientação Profética, caso se elaborasse eficaz plano nesse sentido.

A Justificação pela . . .

(Continuação da pág. 8)

somos filhos de Deus. (Grifo nosso.) E há uma diferença enorme na religião do que é e do que não é.

“A religião de um é obrigação, formalismo, ritualismo, simples profissão. A de outro é amor mútuo entre ele e Cristo.

“Um trabalha para alcançar recompensa e respeitabilidade, outro opera porque tem uma experiência pessoal com Cristo.

“A religião de um é como um casamento sem amor. A de outro assemelha-se a um casamento onde o amor é completo.

“Uma pessoa está profundamente preocupada em defender sua religião. A preocupação principal da outra é fazer sua fé irradiar por Cristo.

“Os esforços de um são tristemente limitados pela fraqueza humana. O outro, ainda que reconhecendo suas fraquezas, sabe que o poder da graça divina opera nele.

“Uma pessoa olha a Jesus como um grande Mestre ou o Redentor da humanidade. O outro o vê como seu Redentor pessoal.

“Um espera ser salvo se for fiel. O outro espera ser salvo porque Deus é fiel.

“Uma pessoa coloca sua confiança em planos e organização. O outro reconhece a necessidade do Espírito de Cristo.”⁽²⁵⁾

Quando pois reconhecemos tudo isto, então “o dever torna-se um deleite, e o sacrifício um prazer. O trilho que antes parecia envolvido em escuridão, torna-se brilhante, porque é iluminado pelos raios do Sol da Justiça. Isto é andar na luz como Cristo está na luz.”⁽²⁶⁾

Bibliografia

1. Isaías 30:21.
2. Atos 17:27.
3. *Selected Messages*, Vol. I, pág. 366.
4. Citado por T. G. Bunch, em *Review and Herald*, 28-5-54.
5. S. Mateus 23:23.
6. E. G. White, em *By Faith Alone*, pág. 76.
7. *Selected Messages*, Vol. I, pág. 392.
8. Autor desconhecido.
9. *The Book of Hebrews*, pág. 297.
10. *Selected Messages*, Vol. I, pág. 360.
11. Romanos 3:24; 5:1; 5:9; 3:28; I Cor. 1:29.
12. Romanos 8:5-8.
13. *Selected Messages*, Vol. I, pág. 377.
14. *SDA Bible Commentary*, Vol. 6, pág. 1071.
15. *Selected Messages*, Vol. I, pág. 391.
16. *Idem*, pág. 393.
17. *Idem*, pág. 397.
18. *Idem*, pág. 333.
19. *Testimonies to Gospel Workers and Ministers*, pág. 456.
20. *Selected Messages*, Vol. I, págs. 393 e 394.
21. I S. João 1:9; I S. João 1:7.
22. *Vereda de Cristo* (Ed. de Bólso), pág. 60.
23. *SDA Bible Commentary*, Vol. 6, pág. 1071.
24. I S. João 3:1.
25. *By Faith Alone*, págs. 75 e 76.
26. *Idem*, pág. 77.

O OBREIRO E SUAS

FINANÇAS PESSOAIS - II

NOÉ S. ÁVILA

Secretário-Tesoureiro da Associação Paranaense



As oscilações do custo de vida exigem que recorramos ao registro das despesas, a fim de manter o equilíbrio entre a receita e a despesa. Sem este controle, difícil será haver o equilíbrio financeiro no lar. É indispensável que se mantenha o registro das despesas

e se organize um orçamento. Para o planejamento desse orçamento será preciso estabelecer uma relação completa dos gastos certos e dos prováveis, em determinado tempo.

No lar, o casal deve conhecer a real situação em que se encontram diariamente, a despesa que realizaram e o dinheiro que possuem. Portanto, para se obter o resultado positivo de um orçamento para a família, é de grande valor que haja plena cooperação.

Se a esposa for uma boa administradora dos negócios do lar, talvez o marido lhe entregue a responsabilidade; aconselhamos, porém, que o peso não fique somente numa pessoa. Devem trabalhar em mútuo entendimento, e aqueles que têm filhos poderão depender também deles para melhor harmonia na administração financeira.

O passo principal ao fixar-se um orçamento é anotar as despesas. Um modo simples de fazê-lo é adquirir um caderno e anotar os gastos, que deverão ser especificados sob títulos, abrangendo todas as necessidades do lar: Aluguel, dízimo e ofertas, alimentação, luz, despesas médicas, encargos sociais, transporte, educação, roupas etc.

Muitas vezes as despesas variam devido à situação econômica geral ou local, havendo regiões onde o custo de vida é baixo, ou alto, e também em função das condições internas da família, como o número de filhos, categoria social etc.

Há também outros fatores que contribuem para dificultar a fixação de uma porcentagem para o orçamento de um obreiro, pois com o crescimento dos filhos, exigem-se despesas maiores. Se todos gozarem perfeita saúde, o orçamento será diferente daquele onde a saúde se-

ja delicada e exija gastos extraordinários com médico e remédios.

Os obreiros que exercem atividade na obra que exija maior apresentação, terão que dispende quantia maior com o vestuário etc. Para que haja equilíbrio entre a receita e despesa, será necessário um registro criterioso, atendendo-se a numerosas coisas que são peculiares a cada família.

Se fizermos um levantamento, iremos encontrar obreiros em excelente situação financeira, e outros que recebem o mesmo salário, em idênticas circunstâncias, com igual número de filhos, que vivem endividados, e em situação financeira precária.

Abaixo, daremos algumas porcentagens fixas para as necessidades básicas de nossa família, embora cada obreiro tenha os meios necessários para fixar as suas próprias cifras. De modo geral e de acordo com o resultado médio de vários meios de pesquisas, é possível estabelecer as seguintes quotas proporcionais para as despesas de uma família composta de 5 pessoas, gozando de boa saúde.

Aluguel	10%
Alimentação	40%
Dízimo	10%
Luz e Combustível	4%
Vestuário	10%
Assist. Médica	5%
Empregada	7%
Ofertas	4%
Fundo de Reserva	10%
	<hr/>
	100%

As quotas de alimentação e vestuário poderão variar se a dona de casa for metódica, sabendo dirigir e executar muitas e variadas tarefas no lar, principalmente prestando boa orientação doméstica.

Alguns estudiosos do assunto mencionam que algumas famílias gastam de 25% a 40% dos seus rendimentos em alimentação. Conforme já mencionamos, estes gastos variam, dependendo da localidade em que residimos, do número

(Continua na pág. 20)

Evangelismo Eficaz

EDMUNDO W. ROBB *

Direitos autorais reservados por *Christianity Today*. Usado com permissão.

MUITOS e respeitáveis dirigentes cristãos da atualidade preocupam-se com o crescimento relativo de nossas igrejas. A renovação do interesse religioso que resultou da Segunda Guerra Mundial parece estar arrefecendo. Os acréscimos por profissão de fé têm diminuído durante anos. A tendência de decrescente lealdade à Igreja e redução do número de membros, que por muito tempo se tem manifestado na Europa, parece estender-se à América.

Será inevitável o declínio da Igreja? Estamos realmente atingindo um período pós-cristão? Será a Igreja de fato incapaz de convencer uma sociedade opulenta, sofisticada e materialista? Terá o cienticismo do século vinte causado incompatibilidade entre o cristianismo revelado e o homem moderno? Penso que não.

O primeiro requisito para qualquer congregação que deseje o evangelismo eficaz, é que ela seja uma comunidade de fé. Se a Igreja fôr simplesmente a expressão da cultura predominante, pouco terá para oferecer a um mundo perdido. Se ela fôr apenas um meigamente respeitável clube religioso que confira sua bênção a seus membros pagãos, sem fazer quaisquer exigências de vulto, nunca atrairá a humanidade pecadora. A Igreja deve ser uma corporação de crentes que adorem e sirvam ao Cristo ressurreto; uma comunhão de almas consagradas e disciplinadas que lutem por Cristo e testemunhem de Sua graça e poder salvador.

O evangelismo eficaz deve começar na igreja. É preciso haver renovação interior antes de podermos testemunhar eficazmente perante o mundo. Aquilo que revivifica também servirá para evangelizar. A vereda para a renovação também conduzirá ao evangelismo eficaz.

Uma condição prévia para o avivamento espiritual, é a proclamação de um poderoso Salvador. Jamais alcançaremos o mundo perdido com um Nobre Exemplo. Jamais atrairemos uma raça obstinada com um Mestre Superior. Tampouco serão os homens conquistados para uma fé existencial que não esteja firmemente arraigada na realidade histórica. O homem precisa de um Salvador. Em Jesus Cristo encontramos a Deus. "O Verbo Se fez carne, e habitou entre nós." Ele era "Deus . . . manifestado na carne."

O mundo não precisa de uma filosofia me-

lhor; necessita de um Salvador. Não precisa de nova moralidade, necessita de nova vida. Não precisa de reforma; necessita de regeneração em Cristo. Com demasiada frequência tem a igreja oferecido filosofias humanísticas a pecadores perdidos. Isto equivale a dar pedras a quem suspira por pão. Temos pregado a moralidade, mas não temos oferecido o perdão e a graça.

Tem-se mencionado que a Igreja moderna não é uma igreja que canta. Não estão sendo compostos grandes hinos. Não se canta a respeito de uma filosofia, e não existe regozijo numa fria moralidade. Cantamos de uma Pessoa, um Salvador, o Filho de Deus, o Senhor Jesus.

Disse Ele: "Quando fôr levantado da Terra, atrairei todos a Mim mesmo." Há uma atração na cruz de Cristo que produzirá devoção na Igreja, e conduzirá os pecadores ao arrependimento e à fé. Na cruz vemos o amor de Deus. Nela vemos também o terrível castigo do pecado, e o Salvador que morreu por nós. Preguemos o Cristo da cruz e o túmulo vazio, e veremos o mundo ajoelhar-se aos pés de Jesus. Para que se "dobre todo joelho . . . e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor. . ."

Para têrmos um evangelismo eficaz, precisamos crer no poder salvador do evangelho. A Igreja destina-se aos pecadores salvos pela graça. Não existe pecado tão grande, coração tão endurecido ou pessoa tão degenerada que Jesus Cristo não possa perdoar, transformar e restaurá-los. Talvez a Igreja tenha perdido a fé no poder transformador e redentor de Cristo. Os alcoólatras podem tornar-se sóbrios, as prostitutas podem tornar-se puras, os materialistas podem inclinar-se para as coisas religiosas, as personalidades debilitadas podem tornar-se fortes, os lares despedaçados podem ser restaurados e vidas arruinadas podem ter nova experiência em Cristo. Para conseguir poder transformador, nossa fé precisa passar do divã do psiquiatra para o altar da oração.

Apresentemos ao mundo o poderoso Salvador. Se assim fizermos, veremos o início de renovação na Igreja e de salvação para os perdidos.

* Edmundo W. Robb é ministro da Igreja Metodista de S. Paulo, em Midland, Texas, a qual em vinte e nove meses acolheu 500 membros em sua congregação que agora atinge a 950 pessoas. Ele pertence à Associação Noroeste da Igreja Metodista e já foi presidente de sua Comissão de Evangelismo.

Outro requisito para o evangelismo eficaz é a autoridade. Ao protestantismo nos meados do século vinte não têm faltado programas criadores e inventivos. A Igreja possui agora uma liderança mais bem preparada do que em qualquer outra época de sua história. Possui mais primoroso equipamento e mais belos e confortáveis edifícios como jamais no passado. Apesar de tôdas essas vantagens, porém, deixamos de dar eficaz testemunho a um mundo perdido.

A grande necessidade do tempo atual não são os métodos, mas sim a mensagem. Temos os métodos, mas em alguns lugares parece haveremos perdido a mensagem. "Se a trombeta der som incerto, quem se preparará para a batalha?" Quando a Igreja simplesmente ecoa a filosofia contemporânea, jamais atrairá um mundo necessitado. Se ela está confusa acerca da pessoa de Cristo, quem se dirigirá a Ele em busca de salvação? Se sua teologia reflete uma cultura pagã, quem se convencerá do pecado?

Para ser eficiente, deve a Igreja possuir uma mensagem segura. É mister que tenha maior autoridade do que a mente finita do mais avançado teólogo. Precisa possuir uma mensagem que seja imutável e duradoura. Em nosso desejo de ser atualizados, precisamos compreender que o Cristo das Escrituras sempre é atualizado. Devemos ser capazes de dizer: "Assim diz o Senhor," e "Sei em quem tenho crido."

A autoridade para o evangelismo é a Bíblia, a Palavra escrita de Deus. A mensagem do evangelismo é a mensagem das Escrituras. Atingiremos mais eficazmente um mundo frustrado e perdido quando anunciarmos sem desculpas a mensagem evangélica contida na Bíblia.

Existe pelo menos um outro requisito para o evangelismo eficaz. É um coração responsável e solícito. Talvez tenhamos uma grande teologia, mas um coração insensível. Talvez sejamos ortodoxos, mas estranhamente deficientes em amor. Podemos estar tão preocupados em explicar minuciosamente todos os pontos teológicos, que percamos de vista o objetivo da teologia. Podemos tornar-nos demasiado absorotos em nossa concepção particular dos sacramentos para apresentar a Cristo de maneira cativante e salutar. Podemos cavalgar nossos carrosséis teológicos enquanto o mundo se dirige para o inferno.

Alguns podem preocupar-se tanto com a liturgia do culto, que deixem de proclamar o Cristo vivo ao pecador perdido que nada conhece sobre a liturgia apropriada. É possível envolver-nos tanto na administração duma igreja — promovendo programas, fazendo orçamentos, organizando comissões — que esqueçamos o objetivo da Igreja. Não importa tudo o mais que a Igreja faça, se não estiver conquistando

almas para um conhecimento salvador de Jesus Cristo, ela fracassou em sua missão.

A chave para o evangelismo eficaz é o mensageiro afetuoso, repleto do Espírito Santo, que possui vital interesse pelas almas. O mensageiro deve ter uma mensagem — a mensagem de Cristo como Salvador da humanidade e a única esperança do mundo. Essa mensagem deve estar firmemente baseada na Bíblia e tornar-se aplicável às necessidades das pessoas. Com um evangelismo assim poderemos conquistar o mundo para Cristo.

O Obreiro e Suas . . .

(Continuação da pág. 18)

de pessoas que vivem conosco etc. Cada um deverá ajustar a conta de alimentação às suas próprias circunstâncias. Se achamos que estamos gastando muito em alimentação, talvez conseguiremos reduzir as despesas, fazendo compras mais cuidadosas, comprando em quantidades maiores, na ocasião apropriada e pondo em execução uma sábia política de compras. Será impossível comprar por impulso e ainda prover um regime alimentar bem equilibrado para o lar.

É um erro pessoas julgarem ridículo economizar pequenas quantias. Estas, reunidas, formam grandes importâncias. Diferenças de preço na compra dos alimentos, roupas etc. formam apreciáveis economias que constituirão razoável pecúlio para o futuro.

Para a maioria, o alimento se torna o maior item no seu orçamento. Embora o custo de vida seja elevado e continue a elevar-se, é possível ao obreiro reduzir em alguns casos o custo de sua manutenção, fazendo uso dos meios que temos à nossa disposição. Deve-se restringir os gastos considerados supérfluos e executar uma inteligente política de compras.

Aquêles que possuem um pedaço de terra ou quintal, devem fazer uso do terreno como meio de reduzir o custo de vida, planejando plantar algumas verduras. Notarão dentro de algum tempo que a recompensa pelo esforço feito redundará na diminuição do custo de vida da família.

Ao finalizar as nossas considerações, estamos certos de que todos irão compreender os objetivos que nos propusemos ao formular êsses dois artigos sobre as finanças pessoais dos obreiros. Não foi apenas para formular palavras, mas sim, para dar uma parcela de auxílio àqueles que lutam com suas finanças.

Sugestões para Pregadores

CARLOS E. WENIGER

“Atraia a atenção.
Desperte o interesse.
Crie desejo.
Estimule a ação.”

Vi estas quatro divisas numa passagem subterrânea, sugeridas como regras para a propaganda de êxito. Nós estamos anunciando os artigos do Rei. Imaginai tentar construir de vez em quando um sermão, baseando-se nesse plano. Ele está psicologicamente certo. O resultado poderá ser mais útil do que o de alguns sermões estáticos que ouvimos. Ele avançaria para um alvo — e isso constitui uma necessidade na pregação aceitável.

* * * *

Um ancião sugeriu que a igreja instigasse uma oferta para o nôvo projeto. Sim, êle disse “instigasse.” Suponho que êle acabara de adotar essa nova palavra e tivesse de usá-la. Os homens instigam uma revolta ou um crime, mas nunca instigam algo desejável. A igreja pode planejar, promover ou providenciar uma oferta. A todo custo, empregai de vez em quando alguma palavra nova, mas tende certeza de usá-la corretamente, se não vosso disparate será mais lembrado do que vossa mensagem. Formai o hábito de consultar o dicionário.

* * * *

“Quando nada tenho para dizer, vocifero!” O pregador confessou honestamente que substitua a capacidade mental pela fôrça vocal. Todavia, não existe sucedâneo para o ato de pensar. Não se deve gritar para dar ênfase a algo. Experimentai alguma vez, quando tiverdes algum ponto deveras significativo, baixar gradualmente a voz, mantendo clara a pronúncia, e notai quão eficazmente controlais a atenção dos presentes. A mais importante idéia pode ser transmitida em tom calmo e confidencial. Êste método tende a atrair a atenção.

* * * *

“Procurai o capítulo 19 do livro de Salmos.” Não há capítulos no livro de Salmos. Esta grandiosa obra é uma coleção de 150 hinos e

JULHO-AGÔSTO, 1966

cânticos sagrados, dos quais cada um é um salmo separado, não um capítulo. Dizei: “Salmo 19,” ou “o décimo nono salmo.” Sêde exatos!

* * * *

Alguns ministros são vítimas de “comentite,” uma enfermidade eclesiástica quase fatal. Comentam ou fazem breve sermão sôbre cada participante no programa da manhã, prolongando assim o culto e diminuindo a atmosfera de reverência. Caso vossos anúncios não sejam todos publicados no boletim da igreja, tornai-os curtos. Sêde claros e evitai sermonar. Boa coisa é ter as datas, horas, preços etc. anotados, por amor à exatidão.

* * * *

“Falar muito e não chegar a parte alguma é o mesmo que subir numa árvore para pegar peixe.”

Êste provérbio chinês faz-nos lembrar de alguns sermões — prolongam-se sem “chegar a parte alguma.” Poderiam parar em qualquer momento e ser igualmente eficazes — ou ineficazes. Não têm qualquer alvo em vista, nem impulso ou vigor.

O sermão não é uma planície, mas a encosta duma montanha, que atinge um ponto culminante. Tende um objetivo elevado, eliminai tôdas as idéias que não contribuem para o alcance dêsse objetivo; esforçai-vos para atingir o auge, e quando o houverdes feito, parai!

* * * *

O pregador começou a falar com sobrecenho carregado e semblante carrancudo, como para anunciar iminente calamidade. Sob a nuvem escura da personalidade do pregador, baixou um pano mortuário sôbre a congregação.

Jesus sempre revelava no semblante “a luz de alegre piedade.” Ela consistia em “amor no olhar e no tom da voz,” que atraía as pessoas para Êle. Sigamos o exemplo do Mestre.

“Gosto de pessoas — Gosto de vós — Tenho algo de bom para dizer-vos” deve transparecer em vossa fisionomia ao começardes a pregar. Tendes de vender a vós mesmos antes que possais vender a vosso sermão.

PÁGINA 21



MÚSICA

A Ajuda de um Hino na Hora do Sermão

HUGO DARIO RIFFEL



HÁ muitos hinos intimamente relacionados com passagens bíblicas, que podem ser utilizados na hora do sermão, como eficaz complemento da pregação. Apresentamos aqui apenas um, como exemplo do que é possível realizar neste sentido.

Sob o tema "O Bom Pastor," relacionam-se: uma parábola, um salmo e um hino. As traduções do hino são diferentes no *Hinário Adventista* (antigo) e no atual (*Cantai ao Senhor*). Sugerimos que para o canto do coral ou conjunto se use o hinário antigo, visto que ali é apresentada uma versão mais fiel e completa, ao passo que para terminar o culto, a congregação cante com o hinário que usa habitualmente. Incluímos aqui somente a história do hino, o programa geral e algumas idéias sobre que refletir, devido a estarmos certos de que nossos ministros terão melhores pensamentos que os maestros.

PROGRAMA:

Hino 157, "Nosso Bom Pastor" (*Cantai ao Senhor*).

Leitura Bíblica: S. João 10:11.

Sermão: Leitura da Parábola. S. Luc. 15: 3-7.

História do Hino.

Canto: "A Ovelha Perdida," Nº. 7 do hinário antigo.

Reflexões Sobre a Parábola.

Leitura do Salmo 23.

Hino 156, "A Ovelha Perdida." (Hinário atual.)

História do Hino:

Entre 1830 e 1869, viveu na Escócia piedosa senhorita cristã, que por seu espírito bondoso e serviçal era chamada de "Raiozinho de

Sol." Seu nome era Elizabete Cecília Clephane, e seu grande interesse sempre foi ajudar aos outros.

Como tinha certa inclinação pela poesia, gostava de colaborar, de modo anônimo, numa revista infantil: "La Hora de los Niños," e em 1868, pouco antes de morrer, enviou um artigo sobre "O Bom Pastor," no qual incluiu uma poesia acerca da parábola da ovelha perdida. Por certo nunca imaginou que a referida poesia a tornaria famosa.

O grande músico e cantor, Ira D. Sankey, encontrou este poema anônimo num periódico, leu-o e, achando-o interessante, recortou-o para ser guardado na pasta. Depois, em 1874, Sankey ajudava com a parte musical ao grande pregador Dwight L. Moody, numa série de reuniões de avivamento em Edimburgo. Certa noite Moody pregou sobre a parábola da ovelha perdida, e ao terminar sussurrou ao ouvido de Sankey: "Cante algo." O músico não tinha nada apropriado, mas se lembrou daquela poesia anônima que estava em sua pasta, buscou-a e a pôs na estante do órgão. Fêz então uma oração, pedindo que Deus o inspirasse. Depois de tocar um acorde sonoro em lá bemol maior, começou a cantar a melodia à medida que ia surgindo em sua mente. Foi um esforço tremendo de faculdade inventiva e concentração, mas ao finalizar a primeira estrofe se animou e cantou as que faltavam. A congregação de mais de quinhentas pessoas escutou extasiada o novo canto, que a doce voz de Sankey tornava ainda mais belo, e muitos se comoveram até às lágrimas. Entre os ouvintes se achava uma irmã da autora, a qual reconheceu a poesia e comunicou posteriormente a Sankey o nome da irmã e a data da composição do poema.

(Continua na pág. 24)

Os Adventistas do Sétimo Dia Respondem a PERGUNTAS SÔBRE DOCTRINA

Relação Entre as Setenta Semanas de Daniel 9 e os 2.300 Dias de Daniel 8

(Continuação)

8. A SETUAGÉSIMA "SEMANA" CONFIRMA O CONCERTO. — Existem atualmente duas traduções diferentes de Daniel 9:27. Uma afirma que "Ele confirmará o concerto" (K. J. V.); e a outra, tomando "semana" como sujeito, declara: "Uma semana estabelecerá o concerto" (LXX e a Versão Grega de Teodócio). Parece haver idêntico apoio lingüístico para cada uma destas traduções. Um hebraísta refere-se a elas como divisão, em partes iguais, de evidência determinativa. A histórica opinião protestante aplica a palavra "Ele" a Cristo.

A outra tradução: "Uma semana estabelecerá o concerto," baseia-se na versão de Teodócio. E semelhante versão conta com positivo apoio dos eruditos. Zöckler (*Lange's Commentary*, sobre Daniel 9:27) menciona que Hävernick, Hengstenberg, Auberlen, Dereser, Von Lengerke, Kitzig, Rosenmüller e Hofmann consideravam "uma semana" como sujeito. Keil (*op. cit.*, pág. 365) afirma que "muitos" defendem êste ponto de vista, e cita alguns dos nomes acima. Young menciona dois que tinham essa opinião (*The Prophecy of Daniel*, pág. 208). E Biederwolf (*The Millenium Bible*, pág. 223), embora êle mesmo não aceitasse êsse ponto de vista, admite que: "Muitas autoridades empregam a palavra 'semana' como sujeito da frase — 'uma semana confirmará o concerto para muitos'."

Creemos que esta última semana seria assinada pelo supremo evento de tôdas as épocas — a morte redentora de Jesus Cristo. O que foi realizado durante essa derradeira "semana," ou *hebdomad*, confirmou o nôvo concerto e motivou a cessação de todo o sistema de sacrifícios designado para os tempos do Velho Testamento, por meio da morte de Cristo, como o definitivo e todo-suficiente sacrifício pelos pecados.

Cristo é aquêle que confirma o nôvo concerto por Sua morte. Assim, não importa qual

o sujeito — "Ele" ou "Semana" — Cristo é a figura central dessa setuagésima semana. Quer se dê ênfase à própria pessoa de Cristo, que confirma o concerto, ou à semana em que ocorrem extraordinários eventos, centralizados em Cristo e na transação do Calvário que confirma o concerto, Cristo permanece como a figura central do verso 27. Êste ponto de vista confere à última das setenta semanas a importância que deve ter, e que é exigida pela profecia como um todo, porquanto tôdas as predições do verso 24 dependem dos concomitantes eventos dessa derradeira e decisiva semana.

Outro ponto fundamental no texto é que a duração dêsse concerto não seria meramente "por" uma semana, mas que êle havia de ser confirmado para sempre como ponto histórico nessa última *hebdomad*. E êste concerto — o concerto eterno de Deus — foi confirmado pelo sangue do divino Filho de Deus (Heb. 13:20), quando Se deu a Si mesmo pelos pecados do mundo, "na metade da semana."

9. TÉRMINO DA SETUAGÉSIMA *HEBDOMAD*. — Os expositores durante muito tempo têm estado à procura de algum evento incontrovertível para assinalar o término das setenta semanas de anos do verso 27. Não poucos sugeriram o apedrejamento de Estêvão (Atos 7). Mas isto é marcado diferentemente, como tendo ocorrido em 32, 33 ou 34 A. D. Outros têm considerado a conversão de Saulo (Atos 9), ou a declaração: "Eis que nos voltamos para os gentios" (Atos 13:46). A especificação da data dêstes episódios, entretanto, não é absolutamente segura. Em relação a isto, surge a pergunta: É realmente necessário destacar algum evento para assinalar o término das 70 semanas? Nenhum evento específico é predito na profecia; parece, portanto, que nenhum evento histórico é realmente evocado para indicar seu término.

Considerai a forma e a ênfase dessa profecia singular. Nas 70 "semanas de anos"—totalizando 490 anos, como em geral se reconhece — a ênfase não é colocada sôbre os anos componentes, em separado, mas sôbre as 70 *unidades de sete anos*. Estas unidades comumente são chamadas *hebdomads* (do grego *hebdomas*, um grupo de sete), ou *heptads* (com o mesmo significado). Como foi notado, há 70 destas *hebdomads* na profecia, reunidas em três grupos — 7, 62 e 1 — que juntos formam as 70. A profecia trata de eventos a ocorrerem em cada um destes grupos ou divisões principais: As 7 *hebdomads* (totalizando 49 anos) e as 62 (equivalendo a 434 anos) juntas formam 69 *hebdomads* (483 anos), antes de chegar à setuagésima *hebdomad*, ou última unidade de 7 anos. Young salientou de maneira interessante que a profecia está dividida nestas unidades de 7 anos, com determinadas coisas a ocorrerem em cada divisão principal. — *Questions on Doctrine*, págs. 288-290.

(Continua no próximo número)

A Ajuda de um ...

(Continuação da pág. 22)

Reflexões

O pastor sofre por sua ovelha perdida e anela encontrá-la. Às vezes olvidamos a solicitude que nosso Pai celestial tem por Seus filhos, e o veemente desejo de que se salvem.

A ovelha perdida sofre, mas não pode voltar ao redil por seus próprios esforços. Somente pode levantar-se e esperar que o pastor venha resgatá-la. Assim também é impossível que o pecador obtenha a salvação por si mesmo. A única coisa que pode fazer é pedir ajuda, e Cristo lhe trará a redenção.

O pastor abandona seu confortável refúgio no redil e põe-se a procurar a ovelha perdida, sem reparar nas dificuldades que terá para encontrá-la. Cristo deixou igualmente Seu lugar privilegiado no Céu, para vir sofrer neste mundo, e finalmente morrer, tudo por amor à humanidade perdida.

O pastor sente imensa alegria pelo resgate de sua ovelha. No Céu também há grande alegria pelo arrependimento de um pecador.

Ajudemos Cristo a resgatar ovelhas perdidas, e haverá alegria no Céu e também em nosso coração.



Órgão publicado bimestralmente pela
Associação Ministerial da Igreja Adventista do
Sétimo Dia

Editado pela
Casa Publicadora Brasileira
Santo André, São Paulo

Diretor — Enoch de Oliveira
Gerente — Bernardo E. Schuenemann
Redator responsável — Naor G. Conrado

Colaboradores especiais:

J. J. Aitken e A. E. Schmidt

Assinatura Anual US \$ 3,00
Número Avulso US \$ 0,50



Ano 32

No. 4

NESTE NÚMERO

CAPA: © A. Devaney, Inc.

O PERIGO DE OBJETIVOS MESQUINHOS 2

EDITORIAL

Uma Alma Solitária 3

ARTIGOS GERAIS

Terapêutica de Choque para Pregadores . . . 4
A Justificação pela Fé — II 7
Os Discos Voadores e o Espiritismo — II . . . 9

PESQUISA — Teologia, História, Ciência

O que Era a Heresia dos Gálatas? 12

OBRA PASTORAL

Como Destruir uma Igreja 14
Diótfeses e sua Ética 15
Avivamento numa Igreja Desanimada . . . 16
O Obreiro e suas Finanças Pessoais — II . . . 18
Evangélio Eficaz 19
Sugestões para Pregadores 21

MÚSICA

A Ajuda de um Hino na Hora do Sermão . . . 22

PERGUNTAS SOBRE DOCTRINA

Relações Entre as Setenta Semanas de Daniel 9
e os 2.300 Dias de Daniel 8 23

